

## CONHECIMENTO DE UM GRUPO DE PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS

**Carla Cristina de Araujo**<sup>1</sup>  
**Flávia Nogueira e Ferreira**<sup>1</sup>  
**Gleyton Gomes Porto**<sup>1</sup>  
**Rodrigo Santos de Queiroz**<sup>1</sup>  
**Thaise Ferreira da Silva**<sup>2</sup>  
**Ana Paula Silva Santos**<sup>2</sup>  
**Claudia Virginia Galindo Cavalcante**<sup>3</sup>  
**Daisi Teresinha Chapani**<sup>3</sup>

### 1 Introdução

Esta pesquisa constitui-se como parte de um projeto que pretende construir quadro diagnóstico sobre trabalhos de prevenção ao uso de drogas desenvolvidos em escolas públicas da região de Jequié-Ba, a fim subsidiar programas de educação continuada de docentes sobre o assunto, bem como a produção de materiais didáticos e de divulgação. Os dados aqui apresentados foram obtidos a partir de questionários aplicados a um grupo de professores de disciplinas relacionadas às ciências naturais e matemática de níveis fundamental e médio com a finalidade realizar um levantamento preliminar das representações e conhecimento que estes docentes apresentam sobre o assunto

Segundo levantamento do CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (1997), em estudo nas dez maiores capitais brasileiras, tem ocorrido uma tendência ao aumento do uso de algumas drogas entre estudantes de ensino fundamental e médio. A fase de experimentação de drogas ocorre por volta de 12 anos de idade, justamente a época em que os adolescentes iniciam a segunda fase do ensino fundamental e se consolida, havendo inclusive aumento do consumo de determinadas drogas, principalmente o álcool, nos anos subsequentes, ou seja, no período de escolaridade básica.

Sendo a capacidade de oferecer informações corretas e não preconceituosas considerada essencial em ações de prevenção ao uso de drogas em escolas, julgamos fundamental realizar um diagnóstico da realidade local, o que inclui levantar o conhecimento de professores de níveis fundamental e médio sobre o assunto, a fim de oferecer um programa de capacitação em serviço.

### 2 Referenciais teóricos

Droga pode ser definida como qualquer substância capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento. Drogas psicotrópicas são aquelas que atuam sobre o sistema nervoso central, alterando a maneira de pensar, sentir e muitas vezes de agir. Para efeito deste trabalho, o termo droga estará restrito às psicotrópicas de uso não terapêutico. As drogas psicotrópicas classificam-se em três grandes grupos: depressoras da atividade do sistema nervoso central por exemplo: álcool e os solventes; as estimulantes da atividade do sistema nervoso central, exemplo: tabaco e cocaína;

---

<sup>1</sup> Graduandos do curso de fisioterapia da UESB - campus de Jequié

<sup>2</sup> Graduandos do curso de enfermagem da UESB - campus de Jequié

<sup>3</sup> Docentes do Dept. Ciências Biológicas da UESB- campus de Jequié

perturbadoras da atividade do sistema nervoso central, como a maconha, por exemplo. (BUCHER, 1996, COTRIM, 1998; GREY, 2002, entre outros)

Com referência ao aspecto legal, podem ser classificadas em lícitas e ilícitas. Consideram-se drogas lícitas aquelas que têm seu uso e comércio permitidos por lei, enquanto nas ilícitas estes são proibidos. A legalidade ou ilegalidade do uso e/ou comércio de uma droga depende de aspectos sócio-culturais presentes na sociedade em dado momento histórico(COTRIM, 1998).

O uso de determinadas drogas pode levar ao desenvolvimento de dependência, nesta ocorre perda completa do controle sobre a quantidade e a frequência do uso de uma determinada droga. Para a instalação da dependência concorrem três aspectos: a droga, o indivíduo e o contexto social (BUCHER, 1992; COTRIM, 1998; SOARES E JACOBI, 2000).

Diversos estudos têm mostrado as deficiências das políticas anti-drogas baseadas prioritariamente na repressão (CIÊNCIA HOJE, 2002). Cárceres lotados de usuários, dependentes e pequenos comerciantes de drogas ao mesmo tempo em que os grandes traficantes continuam atuando fora ou dentro dos presídios; corrupção policial; explosão da violência nas grandes cidades e o próprio aumento no consumo de drogas, atestam as limitações da ação repressiva e apontam para necessidade de novas metodologias que enfatizem o processo de prevenção.

Embora nem sempre esteja preparada para assumir este desafio, a escola é considerada local privilegiado para a execução de programas de prevenção dirigido a adolescentes devido ao acesso aos jovens e à natureza de seu trabalho (RIBEIRO, PERGHER e TORROSSIAN 1998).

Considerando o contexto escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - (BRASIL, 1998) contemplam o assunto dentro do tema transversal *saúde* e indicam que é necessário situar a questão das drogas dentro de suas reais dimensões, alertando para a necessidade de diferenciar os diversos tipos de drogas, assim como incluir nestes debates as drogas lícitas, como o álcool e o tabaco, e o uso de medicamentos diversos de forma não terapêutica.

Para os PCNs, “o professor não precisa ser especialista em drogas e seus efeitos para realizar o trabalho preventivo” (BRASIL, 1998:282), pois não se têm evidências de uma relação negativa entre o conhecimento sobre ação e efeitos de drogas e o uso das mesmas. Aratany (1996) alerta que programas de prevenção não devem ser guiados apenas pelos aspectos racionais reduzindo a discussão sobre drogas “a um curso de química avançada”, visto que a opção pelo uso destas substâncias é uma questão emocional, não racional. Porém, tanto esta como outros autores (BUCHER, 1992,1996; MACIÀ ANTÓN, 2000) enfatizam que é necessário o fornecimento de informações corretas, atualizadas e não preconceituosa sobre o assunto.

### 3 Método

A amostra constituiu-se de um grupo de professores que participam de um curso de pós-graduação *lato senso* em Ensino de Ciências na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié. Visto que as ações de prevenção ao uso de drogas tradicionalmente tem sido responsabilidade principalmente de professores de Ciências e Biologia, consideramos pertinente iniciar nosso estudo por um grupo de professores de disciplinas ligadas às ciências naturais e matemática.

O instrumento de coleta de dados constituiu-se de dois questionários de auto-preenchimento, anônimos, aplicados sucessivamente. Após o preenchimento do primeiro, que trazia duas questões abertas, foi entregue um segundo, constando de 35 assertivas a respeito

das drogas psicotrópicas de uso não medicamentoso mais consumidas no Brasil, sobre as quais o pesquisado deveria indicar se concordava, discordava ou não tinha opinião formada a respeito.

#### 4 Resultados e discussão

Solicitados a definirem drogas, os docentes pesquisados responderam a questão utilizando basicamente três tipos de argumentos: em termos de benefício/malefício, sendo que muitos as definiram como substâncias que podem causar malefício; em termos de dependência ou em termos alterações que causam no organismo. Estas três idéias apareceram isoladamente ou combinadas umas às outras. As porcentagens das mesmas estão indicadas na Tabela 1

TABELA 1 - PORCENTAGENS COM QUE OS ARGUMENTOS DE QUE DROGAS SÃO SUSTÂNCIAS QUE CAUSAM BENEFÍCIOS/MALEFÍCIOS, ALTERAÇÕES NO ORGANISMO E DEPENDÊNCIA APARECEM NAS RESPOSTAS DOS PESQUISADOS EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Categoria	%
1 - Substâncias que causam benefícios ou malefícios	23,68
1.1- substâncias que causam malefícios	36,84
2 – Substâncias que causam alterações no organismo	34,21
3 – Substâncias que causam dependência	26,31
4 – Outras	5,26

Notamos que muitos docentes definem drogas por seus efeitos benéficos e/ou maléficis para o indivíduo e para a sociedade com forte ênfase nos malefícios causados pelo seu uso. Por exemplo: “São substância que destroem o indivíduo e a família”; “algo que prejudica a saúde, substâncias tóxicas”. Os benefícios estão relacionados aos medicamentos numa clara distinção entre o bem (uso medicinal) e o mal (uso não medicinal): “são substâncias usadas tanto para benefícios (no caso dos remédios) ou malefício (no caso de alucinógenos ou psicotrópicos), ambas agem ativamente no organismo humano causando efeitos diversos”. Entre os malefícios citados pelos pesquisados está a possibilidade da droga causar dependência, respostas estas que foram incluídas também na terceira categoria, por exemplo: “são alucinógenos que têm levado os usuários a se tornarem dependentes e a prática de diversos absurdos como: violência, assaltos, roubos, assassinatos, etc”. Alguns professores, no entanto, situam os benefícios e/ou malefícios causados pelas drogas, na forma de uso e não em sua natureza, por exemplo: “são substâncias utilizadas para benefícios ou malefícios, a depender do tipo, da quantidade e a qualidade”.

A segunda categoria é aquela que mais se aproxima de uma definição formal de drogas psicotrópicas, “são substâncias que modificam o nosso organismo”; “substâncias que causam modificações (distúrbios) no sistema nervoso, bem como no organismo do usuário”; “toda e qualquer substância que de algum modo altera o metabolismo do organismo, causando dependência química ou física.”

Na terceira categoria estão enquadradas as respostas que relacionam drogas e dependência: “são compostos químicos que causam dependência e tem alto poder de toxidez”; “são entorpecentes que causam dependência química ao organismo humano, que destrói lentamente ou não, causando inúmeros desajustes muitas vezes irreversíveis.”

Houve ainda duas respostas que não se enquadram nas categorias descritas e foram classificadas como *outras*: “tudo em excesso” e “substâncias químicas que são lícitas ou ilícitas”

Quando solicitados a indicarem os efeitos que cada uma das drogas citadas causavam no organismo, muitos (38,47%) deixaram de fazer, outros (7,89%) indicaram efeitos gerais para todas as citadas, sem discriminá-las, porém a maioria (52,63%) tentou descrever o efeito de pelo menos algumas delas. Certas descrições foram bastante genéricas, como por exemplo: “álcool: cria dependentes e afeta o indivíduo fisicamente e socialmente”; outras apresentam erros, como: “maconha: depressivo”; e outras apresentavam afirmações corretas, embora nem todas dissessem respeito aos efeitos da droga no organismo, como: “fumo: câncer na garganta e pulmão”.

Ao citarem as drogas sobre as quais tem conhecimento, estes docentes referiram-se predominantemente às ilícitas. Enquanto o álcool e o tabaco são as drogas mais consumidas no Brasil aparecem em terceiro e quinto lugares respectivamente entre as mais citadas pelos docentes. A maconha, droga citada com maior frequência (89,47%) e mencionada em primeiro lugar por 39,48% dos pesquisados é a 4<sup>a</sup> mais consumida entre escolares (CEBRID, 1997).

Considerando que boa parcela dos docentes relacionou drogas com malefícios e que as drogas mais lembradas são as ilícitas, pode-se supor que estabeleçam relações entre os danos produzidos e a condição legal da droga. Procurando verificar a existência desta relação inseriu-se a seguinte assertiva no segundo questionário: *as drogas ilícitas (ilegais) são as que causam maior dano no organismo*. Metade dos docentes assinalou que concorda com esta afirmação, 44,74% discordam e 5,26% alegaram não ter opinião formada sobre o assunto. Coerentes com esta tendência, 55,27% dos docentes concordaram com a afirmação: *a melhor forma de combater os malefícios causados pelas drogas é proibir sua venda e consumo*, enquanto 28,95% discordaram e 10,52% não têm opinião formada. Ainda de acordo com esta concepção de drogas, 68,42% dos professores concordaram com a assertiva: *a iniciação ao uso de drogas entre adolescentes sempre se dá devido à influência de traficantes e falsos amigos*, enquanto 31,58% discordam. Considerando apenas o traficante e pessoas mal intencionadas como responsáveis pela iniciação ao uso destas substâncias, estes docentes desconsideram aspectos sócio-culturais e a influência da própria família, da mídia e da sociedade em geral, que não raro chega até mesmo a estimular o uso de determinadas drogas.

Notamos que as assertivas que apresentam juízos de valores negativos com relação às drogas apresentam grande nível de concordância, por exemplo: 78,95% dos pesquisados concordaram com a afirmação *as pessoas que consomem drogas tornam-se agressivas*, enquanto 15,79% discordaram e 5,26% alegaram não ter opinião formada sobre o assunto. Seguindo esta tendência, a afirmação *quem consome droga fatalmente se tornará dependente da mesma* teve a concordância de 68,42% dos pesquisados, a discordância de 28,95%. A relação que estes docentes estabelecem entre drogas e dependência foi notada em diversos momentos. É certo que a maioria das drogas psicotrópicas é potencialmente capaz de causar dependência, entretanto, atualmente considera-se que o tripé: drogas, indivíduo e contexto social deve se levar em conta com relação ao uso destas substâncias e à instalação de dependência e que devem ser considerados os diferentes tipos de usos de drogas (BUCHER, 1992; SOARES E JACOBI, 2000).

A análise da questão aberta sobre a ação das drogas no organismo presente no primeiro questionário nos sugere um certo desconhecimento por parte dos docentes das especificidades dos diferentes tipos de drogas. Em parte, este fato que foi verificado também nas respostas apresentadas ao segundo questionário, entretanto, quando induzidos, os docentes mostraram um conhecimento maior sobre a ação dos diferentes tipos de drogas do que quando se manifestaram espontaneamente.

## 5 Considerações finais

Ao definirem drogas muitos docentes afastaram-se do conceito científico, associado-as principalmente aos malefícios causados por estas substâncias. A percepção dos professores de que estas substâncias promovem alterações no organismo foi o que mais se aproximou da definição formal drogas. Em relação à dependência nota-se que uma parcela dos docentes acredita na capacidade que estas substâncias possuem de promovê-la concordando com o encontrado na literatura para a maioria das drogas psicotrópicas, ressaltando-se a tendência demonstrada de relacionar o uso de drogas com instalação automática de dependência.

Considerando que muitos docentes responderam acertadamente questões relacionadas às ações das drogas do no organismo, mas ao mesmo tempo demonstraram concepções descontextualizadas, muitas vezes desatualizadas e bastante homogênea sobre as mesmas, podemos supor que nos cursos de formação inicial ou continuada de professores têm prevalecido uma abordagem reducionista da questão, abordando o assunto pelos seus aspectos fisiológicos, sem considerar o contexto social de seu consumo. Sendo assim, observa-se a importância da capacitação de professores no que diz respeito a esta temática.

## BIBLIOGRAFIA

ARATANGY, L. R. Drogas: uma questão de liberdade. In. SÃO PAULO (ESTADO) **Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e à DST/AIDS**. São Paulo: FDE. Diretoria de Projetos Especiais/Diretoria Técnica, 1996. (Série Idéias; n.29).

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos: Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992

BUCHER, R. **Drogas: o que é preciso saber para prevenir**. 5ª ed. São Paulo: Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo e Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996 (Projeto prevenção também se ensina)

CEBRID IV **Levantamento sobre o Uso de Drogas entre Estudantes de 1.e 2. Graus em 10 Capitais Brasileiras** – São Paulo: Cebrid,1997

CIÊNCIA HOJE. v.31. n.181. abril 2002.

COTRIM, B. C. **Drogas: mitos e verdades**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998

GRETA. **O que são drogas?** Disponível em <[www.usp.br/medicina/greta](http://www.usp.br/medicina/greta)> acessado em 19/09/2002

MACIÃ ANTÓN. D. **Drogas: conhecer e educar para prevenir**. São Paulo: Scipione, 2000 (pensamento e ação no magistério)

RIBEIRO, T.W., PERGHER, N.K., TOROSSIAN, S.D. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. **Psicologia: crítica e ação**. V.11.n.3. 1998 . Disponível em <[www.scielo.br/psicologia](http://www.scielo.br/psicologia)> acesso em 21/07/2003.

SOARES, C.B., JACOBI, P.R. Adolescentes, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar. **Caderno de Pesquisa**, n. 109, p.213-237, março, 2000.